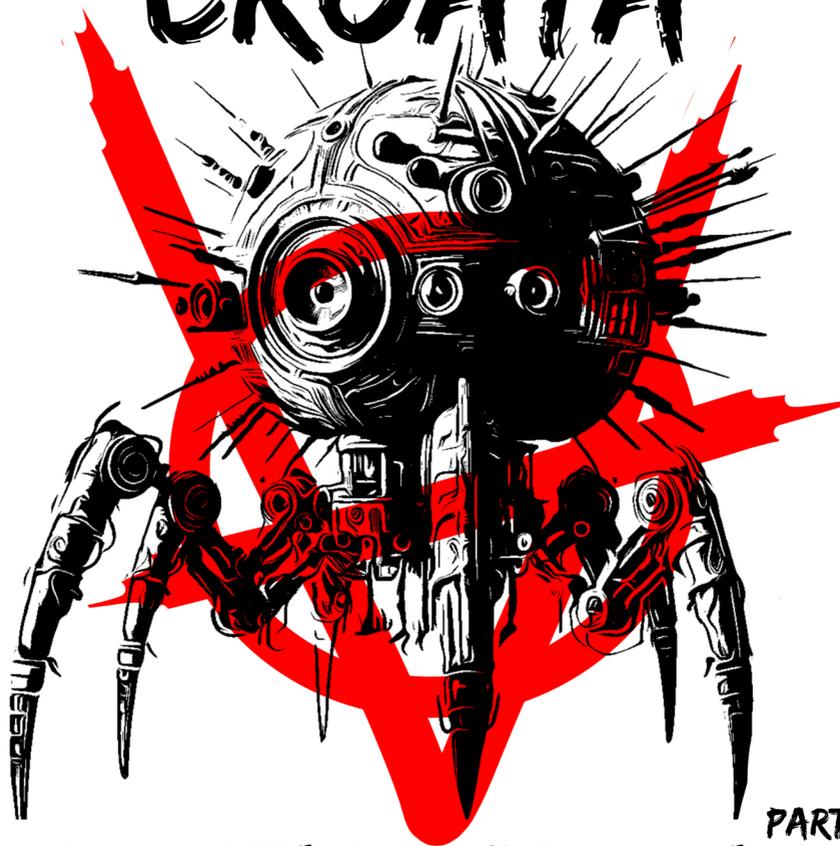


"FOMOS  
PARA  
CROATĂ"



PARTE I

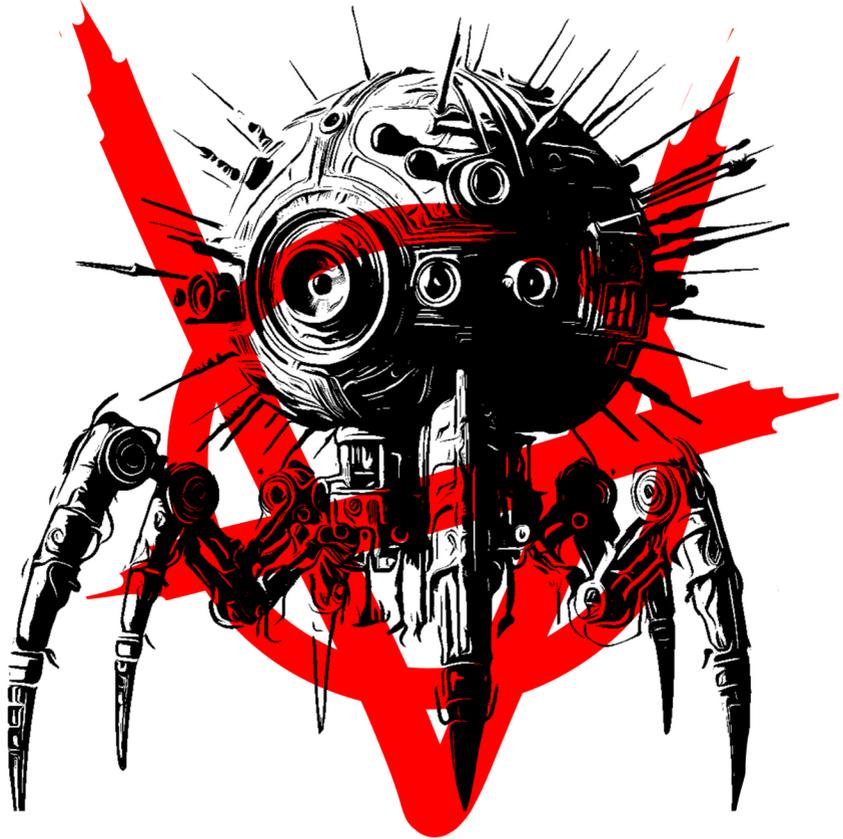
OU NOTAS SOBRE UMA  
FILOSOFIA POLITICA  
DO DESAPARECIMENTO

DANIEL FIGUEIREDO

COLEÇÃO  
FILOSOFIA



CRUZADOR  
PIRATA



Copyright © 2024 by Daniel Figueiredo  
*Capa, Diagramação e edição:* Daniel Figueiredo  
*Roteiro, desenhos e arte final:* Daniel Figueiredo  
Cruzador Pirata é uma zona autônoma temporária  
ISBN: 978-65-00-96752-4

Aqueles que me conhecem, uma vez por outra, chamam minha atenção por ter, de alguma forma, desaparecido. Sempre respondi que meu “desaparecimento” era pensado em seus mínimos detalhes. Desaparecer é uma arte marcial de guerrilha, sumir, atacar e desaparecer novamente. Com isso nos matemos vivos (pelo ou menos por enquanto). No meu caso, sumir era uma arma de guerra, um antídoto político autoral contra a burocracia universitária. Tem funcionado, ao menos pra mim.

Este ensaio nasce em meio ao caos diário, no centro do cotidiano que nos arrasta, inevitavelmente, para sermos capturados por tudo aquilo que nos rodeia. Decidi, diante desse axioma contemporâneo, arriscar algumas palavras sobre todos nós, sobre nossa condição existencial de estarmos sempre “aparecendo”... fotos, stories, textos e mais textos sobre nossa vida.

Desaparecer é uma ação efetiva de corrosão social, minando os espaços de controle, de devoção e autoridade. Desaparecer sempre será uma saída para os que já foram “desaparecidos” pelas às estruturas autoritárias.

Decidi ir para Croatã. Talvez eu volte...talvez.

Desapareçam!

Todos nós!

Só assim viveremos felizes...

Daniel Figueiredo

Março de 2024.



O antiprefácio a seguir foi produzido pelo meu querido parceiro de zineaventuras AmAntE da hErEsiA, autointitulado filósofo negrÍndio, amante da heresia, folclorefuturista, artista/metartista transmÍdia da incerteza, zineastra e anarco[cyber] punk pela própria vida.

E titulado pelos outros como graduado em Filosofia pela UNB, Mestre em Filosofia também pela UNB, Doutor em Arte e Cultural Visual pela UFG e Pós-doutorando em Arte e Cultural Visual também pela UFG.

segundo a nova disgramática da  
língua escritoclastica.



Am  
vn da  
te

hE  
rE  
si  
A



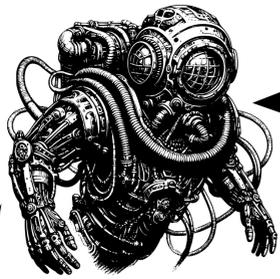
cerrado, verão, 2024

d3\$pr0gr1ac!0



significa um falar sobre uma ação  
realizada sob EDesCo, ou seja, sob  
um estado desprogramado da consciência.

léo (130)  
pimentel (pigmento +  
pixel) souto (soul to...)



seria daniel figueiredo  
o fundador de UTOPIAS?  
um utópico supremo que  
torna todas as outras  
utopias supérfluas?  
seria sua obra prima,  
precisamente...

ei! cadê vc daniel?  
äh? ein? croatã?



É PRECISO ADERIR  
A UMA VIDA COMO  
ESSA!

daniel fugiu!  
momento de  
fundação,  
inauguração!  
momento de  
transição  
revolucionária!  
fuga como  
abertura para  
invenções!  
pé na porta do  
trampo alienado  
em busca da  
felicidade e da  
beleza da vida  
cotidiana para  
além do  
capitalismo  
tardio!

DE  
SA  
PA  
RE  
CE  
LT?

FILOSOFIA  
POLÍTICA DO

DE  
SA  
PA  
RE  
CE  
LT

GUERRILHA  
ONTOLOGICA

"tem  
muito  
cara  
com a  
testa  
encebada  
achando  
que é a mente  
brilhante!"



e esta é só a  
primeira parte!  
goze! esse anti  
ensaio do arteiro  
daniel precisa de  
seus fluidos  
corporais, e dos  
imateriais!  
máquina nômade  
de orgasmos  
múltiplos, zonas  
orgásticas  
orgásticas para que o vôo da  
imaginação contrua mundos melhores! pois  
é lá que escaparemos da ré pública!



quem disse que sem conflito  
a vida é impossível? [...] ah!  
sim foi um tal de nietzsche,  
aquele filósofo adolescente!  
por que a parada aqui é mais  
séria! é reflexão de croatense  
com mais de 500 anos de vida  
tentando adiar o fim do mundo!  
aqui a vida seria impossível  
se não houvesse cooperação!

Correr es mi destino  
Para burlar la ley  
(Manu Chao)

Na escola primária nos ensinam que a primeira tentativa de colonização em Roanoke fracassou, que os colonizadores desapareceram, deixando para trás apenas a mensagem críptica: “Fomos para Croátã”(...) À medida que os Estados Unidos surgiam onde antes havia sido a “Ilha da Tartaruga”, Croátã permanecia embutida em seu inconsciente coletivo. Além da fronteira, o estado da Natureza (i.e., sem Estado) ainda prevalecia, e dentro da consciência dos colonizadores a opção pelo estado selvagem sempre esteve à espreita, a tentação de abandonar a Igreja, o trabalho no campo, a alfabetização e os impostos - todos os fardos da civilização - e, de um jeito ou de outro, “ir para Croátã”. (BEY, 2010, p.18 - 19)

EM TEMPOS DE CRESCIMENTO EXPONENCIAL DE MECANISMOS DE CONTROLE, IR PARA CROATÃ PARECE TER SE TORNANDO UMA UTOPIA POLÍTICA, ONDE A INVISIBILIDADE, O DESAPARECIMENTO E A FUGA SÃO FUNDAMENTOS PARA RESISTIR E RE-EXISTIR SENDO DESCAPTURADO A CADA PASSO RUMO A CROATÃ.



ESTAS TÁTICAS SÃO NECESSÁRIAS PARA AQUILO QUE CHAMO DE FILOSOFIA POLÍTICA DO DESAPARECIMENTO. DESTA FORMA, O OBJETIVO DESTE ANTIENSAIO É MAPEAR FUNDAMENTOS CONCEITUAIS PARA PENSAR AÇÕES DIRETAS QUE ENVOLVAM, NECESSARIAMENTE, UMA GUERRILHA ONTOLÓGICA (BEY, 2010) NA BUSCA DE UMA FILOSOFIA POLÍTICA DO DESAPARECIMENTO.



PARA TANTO, BUSCAREMOS NAS ARESTAS EPISTÊMICAS,  
OS SUBSÍDIOS NECESSÁRIOS PARA A EMPREITADA. UM  
TERRENO HOSTIL, COM DECLIVES E ACLIVES ACENTUADOS,  
QUE JUSTAPOSTOS FORMAM UM BIOMA PARADOXAL, MAS  
CARREGADO DE VEROSSIMILHANÇA.



FLERTAMOS ROTINEIRAMENTE COM A TERATOLOGIA  
(OLIVEIRA, 2017) ENQUANTO MÉTODO TÁTIL DE  
APROXIMAÇÃO DOS RASTROS DEIXADOS (DE PROPÓSITO?)  
PELAS MONSTRUOSIDADES ANÁRQUICAS QUE PRODUZIRAM  
SUAS PRÓPRIAS ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS,  
PERVERTENDO ASSIM, AS LÓGICAS DISCIPLINADORAS DE  
SAVOIR-FAIRE MONOLÍTICO.



E NESTAS FRESTAS ENCONTRAMOS AS PISTAS DE PINDORAMA, MACONDO, ZION, BALUCI, ILE-IFE E OUTROS TANTOS LUGARES QUE EXISTEM EM DINÂMICAS EXISTENCIAIS PRÓPRIAS...

CHEIAS DE EFEMERIDADE...

MAS QUE CARREGAM CONSIGO A PERENIDADE DA PALAVRA RECONSTRUÍDA PELA ORALIDADE.



PROPOREMOS QUE DESAPARECER É UMA AÇÃO POLÍTICA PERMEADA DE UMA INCONSTÂNCIA NECESSÁRIA PARA ENCONTRARMOS ATALHOS NÃO CARTOGRAFADOS DE UMA EXISTÊNCIA DIGNA.

P N S L  
R C W  
E Z

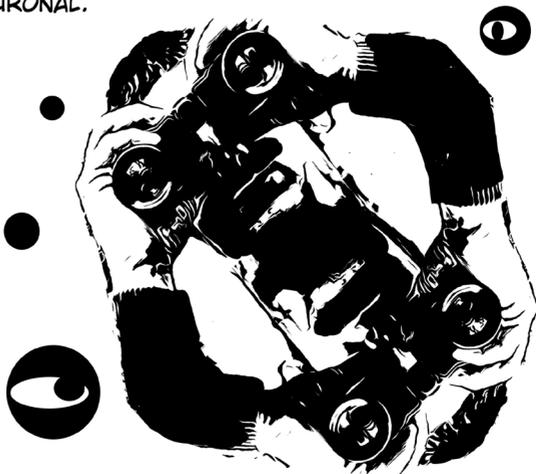
# QUEM VIGIA OS VIGILANTES QUE VIGIAM?



O CONTROLE ABSOLUTO PARECE SER A MÁXIMA CIVILIZATÓRIA QUE RESIDE NA LÓGICA CONTEMPORÂNEA DA VIGILÂNCIA TOTAL E IRRESTRITA. EM NOME TRANSPARÊNCIA UM ESPELHO TRANSLÚCIDO DESNUDA A INCAPACIDADE DE COEXISTIMOS COLETIVAMENTE, A VIGILÂNCIA TORNA-SE UMA TÁTICA MAIS REFINADA E NEURONAL.

A AUTORREGULAÇÃO SUBSTITUI O AUTO CUIDADO, A VIGILÂNCIA SE CONTRAI E TRANSFORMA-SE EM MÁQUINA AUTOPRODUTORA DE SUBJETIVIDADES.

QUEM VIGIA OS VIGILANTES? UMA QUESTÃO QUE SOMENTE FAZIA SENTIDO EM UMA SOCIEDADE DO CONTROLE EM QUE SEUS MECANISMOS SÃO FACILMENTE IDENTIFICÁVEIS, MAS NÃO HÁ MAIS O QUE VIGIAR...



## ...TUDO É TRANSLÚCIDO, TRANSPARENTE.

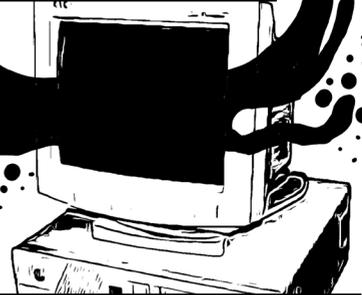
A ALGORITIMIZAÇÃO DA VIDA REDUZ A POLÍTICA A ANÁLISE DE DADOS. AS CONJUNTURAS SOCIOPOLÍTICAS SÃO ESPAÇOS ESVAZIADOS POR DEMANDAS DE UMA INFODEMIA QUE IMPÕE UMA INSTANTANEIDADE DA HISTÓRIA, A AUSÊNCIA COMPLETA DO PASSADO EM NOME DO PRESENTE QUE NÃO PÁRA DE ACONTECER.



A PRODUÇÃO INSTANTÂNEA DE DADOS E SUA CAPTURAÇÃO CONSTANTE CRIA UM TEMPO INUMANO QUE RETÉM UMA MEMÓRIA UNIVERSAL, COMPLETAMENTE INCOMPREENSÍVEL SEM OS DEVIDOS PROCESSOS DE REFINAMENTO POR GRANDES MÁQUINAS DE COLIGIR. O QUE SOBRA SÃO CARTOGRAFIAS SOCIAIS TERRAPLANADAS PASSÍVEIS DE ERROS, MAS EFICIENTES NA COMPOSIÇÃO DE UMA MORFOLOGIA POLÍTICA.

NA CONTEMPORANEIDADE, A CAPTAÇÃO DE NOSSOS DADOS ACONTECE EM UM TEMPO LÍBQUO, UM EFEITO SINESTÉSICO QUE ENVOLVE ESPAÇO E TEMPO OU MESMO UM CIBERESPAÇO E CIBERTEMPO. A VELOCIDADE TORNA-SE TOTEM DA EFICIÊNCIA, RESPONSÁVEL PELA INEXISTÊNCIA DO TEMPO ENQUANTO CATEGORIA HISTÓRICA, O TEMPO DE AGORA OU O TEMPO INUMANO BROTA DA OBLITERAÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA DE SER PARA O TEMPO.

LIMA AÇÃO VIOLENTA QUE É PERPETRADA PELA LÓGICA DA OBSOLESCÊNCIA DA VIDA HUMANA E SUA TRANSMUTAÇÃO EM DADOS RASTREÁVEIS QUE SÃO TRAZIDOS À TONA PELA MINERAÇÃO DOS CACOS DE NOSSAS EXISTÊNCIAS.

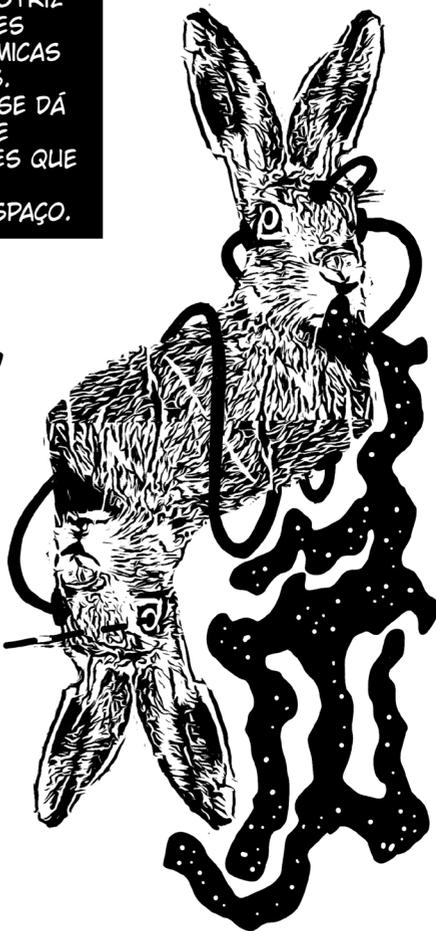


A EXISTÊNCIA DE UMA NOVA GEOGRAFIA DO CIBERESPAÇO TORNOU-SE UMA CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A PRODUÇÃO DE UMA GEOPOLÍTICA DO CIBERESPAÇO, MAS ESSE MOVIMENTO DEVE SER MULTIRREFERENCIAL, UMA DOBRADURA NO ATLAS EXISTENCIAL DE UMA POLÍTICA DO PORVIR QUE SE FAZ PRESENTE NO OCULTAMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE O REAL E O ATUAL VIRTUALIZADO. ENQUANTO CONTINUARMOS NESTA BIFURCAÇÃO DE MODOS DE EXISTÊNCIA QUE SE PONTUAM EM DINÂMICAS SEPARADAS, A SABER, ENTRE O REAL E VIRTUAL, NUNCA VAMOS COMPREENDER A DINAMICIDADE VIOLENTA DO CIBRIDISMO COMO DESDOBRAMENTO DA VELOCIDADE.

EM ANÁLISE CONJECTURAL, NÃO HÁ MAIS ESPAÇOS PARA REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS STRICTO SENSU, MAS SIM DE REVOLUÇÕES DROMOCRÁTICAS. A ACELERAÇÃO TORNA-SE UMA CATEGORIA DO AGORA, A DROMOLOGIA A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA E A VELOCIDADE O PARADIGMA SOCIOPOLÍTICO, ASSIM COMO TALVEZ UM VALOR MORAL.

SE O TEMPO É DAS LEBRES,  
A ACELERAÇÃO É A FORÇA MOTRIZ  
DAS REDES DE SOCIABILIDADES  
IMPLEMENTADAS PELAS DINÂMICAS  
SOCIOPOLÍTICAS E CULTURAIS.  
A ATUAÇÃO DA ACELERAÇÃO SE DÁ  
NA PRODUÇÃO DE MALHAS DE  
CAPTAÇÃO DE SUBJETIVIDADES QUE  
FORAM ESPALHADAS PELA  
CIBERGEOGRAFIA DO CIBERESPAÇO.

TUDO É  
CAPTURADO!



NESSAS REDES DE CAPTURA, A  
IMPLOÇÃO DA PRIVACIDADE É  
UM EFEITO COLATERAL DA DILUIÇÃO  
DA VIDA SOCIAL E DA PRIVACIDADE.  
CRIANDO ASSIM, UM CALDO AMORFICO  
QUE CONTAMINA AS SOCIABILIDADES,  
A POLÍTICA E A HISTÓRIA, TUDO  
PARECE SER REDUZIDO A PRODUÇÃO  
DE NARRATIVAS QUE PERVERTEM OS  
LIAMES SOCIAIS.



SE TUDO É CAPTURÁVEL, O QUE  
PODEMOS FAZER SENÃO SER  
DESCAPTURADOS?

PRODUIR ESTRATÉGIAS DE DESCAPTURAÇÃO  
PARECE SER O GRANDE AXIOMA DA  
CONTEMPORANEIDADE EM ASPECTOS POLÍTICOS,  
MAS PARA SUA EFETIVIDADE DEVEMOS NOS  
DEBRUÇAR SOBRE OS INSTRUMENTOS ESSENCIAIS  
DA DESCAPTURAÇÃO, A SABER, A FUGA E O  
DESAPARECIMENTO.

ASSIM, COMO AO PERCEBEREM A  
TRAÍÇÃO, OS FULNI-Ô FOGEM, EM  
MEIO AO TORÉ, GRITAM AOS SEUS...

"NÓS ESTAMOS SENDO  
TRAÍDOS" "FUJAM!"

DESCAPTURAR DEVE SER ENTENDIDO  
COMO O VERBO NECESSÁRIO PARA  
UMA FILOSOFIA POLÍTICA DO  
DESAPARECIMENTO.

A INVISIBILIDADE,  
FUGA,  
DESAPARECIMENTO,  
NOMADISMO,  
MAROONAGEM,  
QUILOMBISMO,  
ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS  
SÃO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO DIRETA  
DO DESAPARECIMENTO.

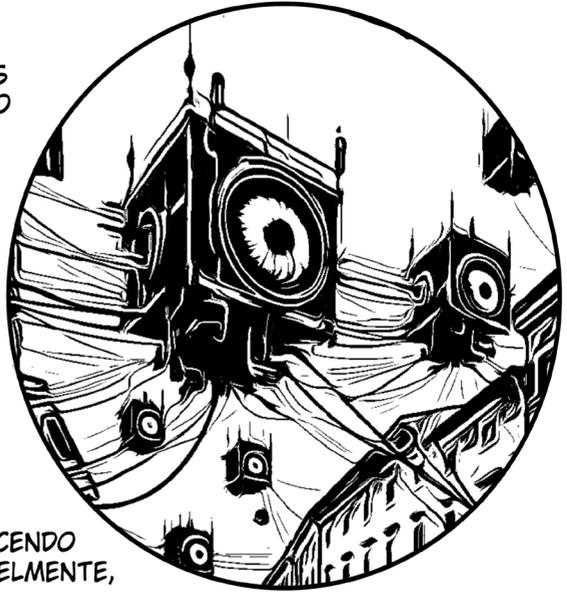


O DESAPARECIMENTO É UM INSTRUMENTO POLÍTICO DE AUTODEFESA, ATAQUE E EMANCIPAÇÃO. MESMO QUE AINDA PROVISÓRIO (AINDA?) É AUTODEFESA DE UM PODER QUE SE INSTITUI JURIDICAMENTE EM MEANDROS DEMOCRÁTICOS QUE PERFILAM COM O CAPITAL E SUAS ENTRANHAS FASCISTAS.

## O DESAPARECIMENTO

É UM ATAQUE ÀS INSTITUIÇÕES NECROPOLÍTICAS, FOMENTANDO A CONTRAPROPAGANDA E A VIRALIZAÇÃO DA VIDA NAS FISSURAS DO CONCRETO DAS CIDADES CINZAS...

**"SEUS DIAS DE FARTURA ESTÃO CONTADOS"**



DEVE SER O LEMA ESTAMPADO NAS ESQUINAS, NUNCA ESQUECENDO DA FRASE QUE DEVE, INEVITAVELMENTE, SER PICHADA AO LADO...

**"ALGUMAS PESSOAS NUNCA MUDAM"**

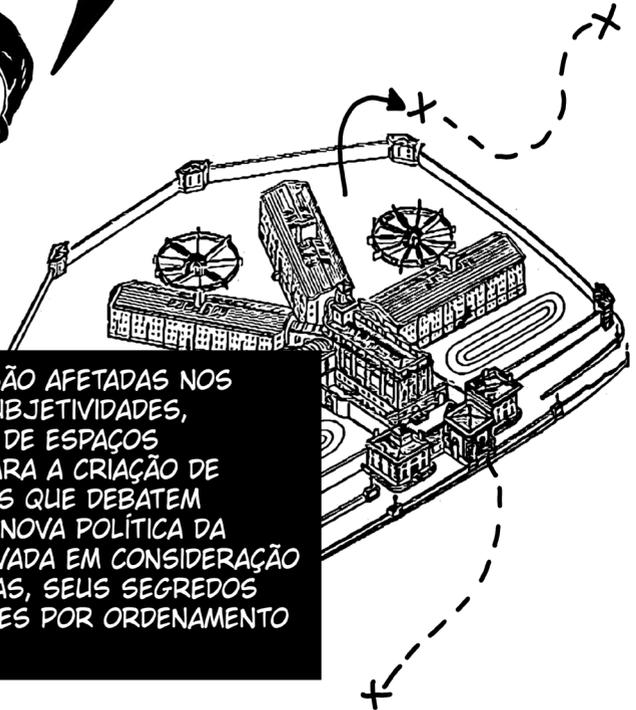


EMANCIPAR-SE DA VIGILÂNCIA PASSOU A SER UM IMPERATIVO URGENTE DO DESAPARECIMENTO, O MOMENTO DA DESAPARIÇÃO MARCA A DESCONTINUIDADE DA MUSCULATURA DA VIGILÂNCIA. ASSIM, DESAPARECER É UM DESDOBRAMENTO MOLECULAR DA SUBJETIVIDADE COLONIZADA, É O PONTO DE INFLEXÃO DE UMA REDE COORDENADA DE CAPITALIZAÇÃO DOS DESEJOS PELO HIPERCAPITALISMO.

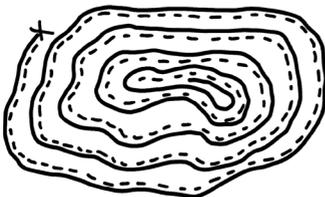
A RIGOR, ALGUNS PONTOS SÃO IMPORTANTES QUANDO FALAMOS DE FUGA E DESAPARECIMENTO:

1. A FUGA DEVE SEMPRE, NESSE CONTEXTO, SER ENTENDIDA COMO FORMAS ANTICOLONIAIS DE ENFRENTAMENTO, ATUANDO NAS FISSURAS RASURANDO A HISTÓRIA E REESCREVENDO ELA A CONTRAPELO. A FUGA É A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS-TEMPO DE PASSAGEM, ESPAÇOS DE CRIAÇÃO, DE REVOLTA, DE FORMAS DE VIDA FURTIVAS.

"FLUGIR NÃO É SER POSTO PARA CORRER; PELO CONTRÁRIO, É FAZER VAZAR O REAL, OPERAR VARIÇÕES SEM FIM PARA IMPEDIR TODA CAPTURA." (BONA, 2017)

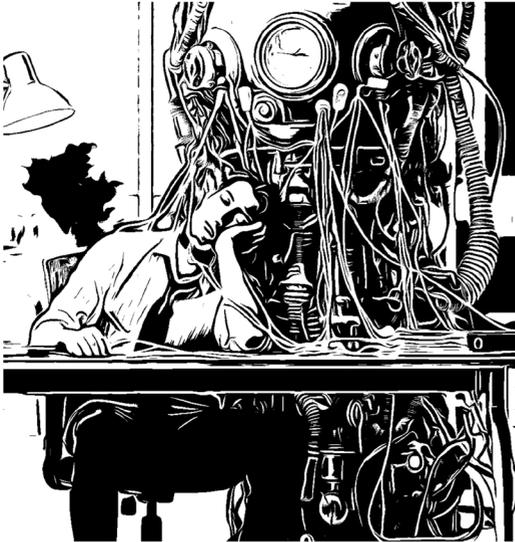


PARA ISSO, EXISTÊNCIAS SÃO AFETADAS NOS DESDOBRAMENTOS DAS SUBJETIVIDADES, ASSIM COMO A PRODUÇÃO DE ESPAÇOS ONÍRICOS E IMAGÉTICOS PARA A CRIAÇÃO DE NOVAS ENTIDADES ETÉREAS QUE DEBATEM COM OS ANCESTRAIS UMA NOVA POLÍTICA DA NATUREZA, ONDE SEJA LEVADA EM CONSIDERAÇÃO A VIDA SECRETA DAS COISAS, SEUS SEGREDOS E OU MESMO SEUS FETICHES POR ORDENAMENTO ANTI-ENTRÓPICO.



A FUGA É UMA ARTE, UM RITUAL DE INICIAÇÃO AO DESAPARECIMENTO, UMA UTOPIA QUE DESVELA A INCAPACIDADE DO ALINHAMENTO ENTRE O CAPITAL E A EXISTÊNCIA COLETIVA DIGNA.

A FUGA TORNOU-SE UMA NECESSIDADE COLETIVA, O ROMPIMENTO INEVITÁVEL DA EPIDERME SOCIAL JÁ EM DECOMPOSIÇÃO, MAS QUE É FALSAMENTE RESTAURADA POR UMA COSMETICAÇÃO DA VIDA COLETIVA POR MEIO DE FILTROS COLORIDOS, DANÇAS RISONHAS E CANSAÇO.



EXAUSTÃO

EXAUSTÃO

EXAUSTÃO



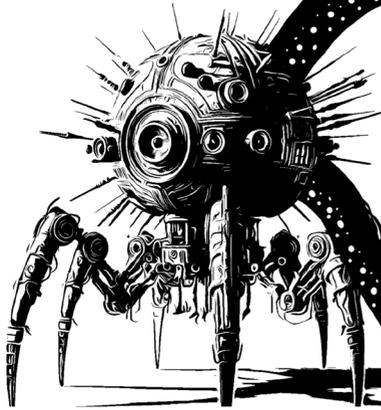
A FUGA É UM  
DISPOSITIVO  
CONTRA  
HEGEMÔNICO



A FUGA É UM DISPOSITIVO CONTRA HEGEMÔNICO QUE REITERA PRÁTICAS DE LIBERDADE QUE FORAM SUBVERTIDAS E RESSIGNIFICADAS PELAS ESTRUTURAS, MAIS OU MENOS SÓLIDAS, DE DOMINAÇÃO, PERPETRADAS, PRINCIPALMENTE, POR MEIO DE ANTROPOTÉCNICAS. O QUE INVARIAVELMENTE NOS APONTA PARA POSSÍVEIS SAÍDAS, POR EXEMPLO: REITERAR A LIBERDADE E COLETIVIDADE CLANDESTINA COMO ZONAS DE DESAPARIÇÃO.

2. O DESAPARECIMENTO NÃO DEVE SER ENTENDIDO COMO  
DESAPARIÇÃO FÍSICA, DE EXTERMÍNIO OU MESMO AQUELA  
JÁ PERPETRADA PELO ESTADO POR MEIO DA NECROPOLÍTICA...

O DESAPARECIMENTO AQUI É AÇÃO,  
NUNCA UM EFEITO COLATERAL DA VIOLÊNCIA,  
MAS SIM UMA AÇÃO DIRETA, UMA MÁQUINA  
DE GUERRA NÔMADE QUE SE ESPALHA COMO  
UMA RIZOMA SUBTERRÂNEO, UMA EROSIÃO  
CALCULADA QUE HACKEIA AS FORMAS DE  
COLONIZAÇÃO DA VIDA. ATAQUE E DEFESA.



O DESAPARECIMENTO, EM DETERMINADOS  
MOMENTOS, É CAPTURADO PELO ESTADO,  
MAS COMO SUA ATUAÇÃO É A OCUPAÇÃO  
CLANDESTINA, SEUS RASTROS SÃO SEMPRE  
APAGADOS PELA FUGA, A FISSURA SEMPRE  
PARECE SER UM BOM LUGAR, POIS ONDE  
HÁ VIDA ELA SEMPRE ENCONTRARÁ UMA  
FORMA DE EXISTIR, MESMO  
CLANDESTINAMENTE.

DESAPARECER DOS MAPAS, PRODUZIR UMA  
PSICOTOPOGRAFIA DA VIDA COTIDIANA (BEY, P.8)  
QUE POSSIBILITE CARTOGRAFAR OUTROS ESPAÇOS,  
FISSURAS, RACHADURAS, NÃO-LUGARES OU MESMO  
PLATÔS DIGITAIS.

ATUAR FURTIVAMENTE, EMERGINDO DE  
TEMPOS EM TEMPOS COMO QUEM  
OLHA A SUA VOLTA E DIZ:

"SEUS DIAS DE FARTURA  
ESTÃO CONTADOS!"



A FUGA É UMA CATEGORIA FUNDAMENTAL, UMA CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A PRÁTICA DE UMA FILOSOFIA POLÍTICA QUE IMPLODA A LÓGICA PERVERSA DA CRENÇA NAS INSTITUIÇÕES DO ESTADO, UMA LÓGICA PERMEADA PELA IDEIA DE QUE O MÍNIMO É MAIS ACEITÁVEL DO QUE TEMOS REALMENTE COMO DIREITO FUNDAMENTAL À VIDA.

HÁ A NECESSIDADE DE IMPLOÇÃO DAS ESTRUTURAS POLICIAESCAS DE CONTROLE QUE ASSASSINAM DIARIAMENTE OS QUE CONSIDERAM INDESEJÁVEIS A VIDA HIGIENIZADA.

ONDE NÃO HÁ VIDA, A MORTE TRANSITA, MAS NÃO MAIS COMO UMA IMAGEM DELETÉRIA QUE BEIJA OS CORPOS SEM JULGAMENTO, ELA PARECE TER SUCUMBIDO AOS DEMANDOS INCORRIGÍVEIS DE UMA OUTRA ENTIDADE TRANSCENDENTE, A SABER, O MERCADO.

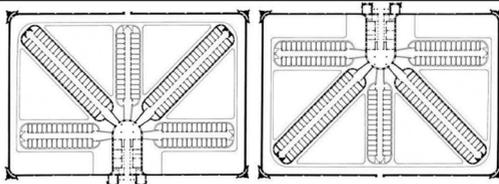
# FURTIVIDADE COMO RESISTÊNCIA

A FURTIVIDADE PARECE SER, A GROSSO MODO, A CONDIÇÃO ESSENCIAL DE UMA EXISTÊNCIA DIGNA NA CONTEMPORANEIDADE.

PRINCIPALMENTE QUANDO ESSA EXISTÊNCIA PARECE TER SIDO RESSIGNIFICADA QUANTO SUA PRÁTICA ANTI-SISTÊMICA DE RESISTIR.

A FURTIVIDADE É UMA RESISTÊNCIA, UMA PRÁTICA EXISTENCIAL QUE SE TORNOU EM SI MESMA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA SUBALTERNIZADA, MARGINALIZADA E MILITANTE DE UMA VIDA DIGNA.

*NESSOS TEMPOS SOMBRIOS EM QUE PROLIFERAM OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE, AS RESISTÊNCIAS DEVEM SER FURTIVAS, MAIS QUE FRONTAIS. ATACAR EM TERRENO ABERTO É SE OFERECER COMO CARNE DE CANHÃO AOS MÚLTIPLOS PODERES QUE TENDEM A NOS SUJEITAR, EXPOR-SE A SER CAPTURADO, DESACREDITADO, CRIMINALIZADO. TRATA-SE ENTÃO DE RESISTIR EM MODO MENOR, POIS COLOCAR-SE COMO MAIOR, MADURO, RESPONSÁVEL, SIGNIFICA OBRIGATORIAMENTE TER DE SE RENDER QUANDO A POLÍCIA, OS SERVIÇOS SECRETOS, AS AGÊNCIAS DE SEGURANÇA NOS CONVOCAM PARA PRESTAR CONTAS DE NOSSAS VIDA FURTIVAS. (BONA, 2017, P.48)*



BONA NOS CONVoca À FURTIVIDADE, APONTANDO O ATO DE FLANQUEAR A EXISTÊNCIA PÚBLICA COMO POSSIBILIDADE DE NÃO SER CAPTURADO PELOS OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE.

HAKIM BEY AFIRMA A NECESSIDADE DE PRODUÇÃO DE ZONAS DE EXISTÊNCIA COLETIVA, FESTIVA E DE ATAQUE FURTIVO. ELE CONVOCA A ESSAS ZONAS, AS CHAMANDO DE ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS OU TAZ.



APESAR DE ELA SER CONCEITUADA DE VÁRIAS FORMAS E SER, SEGUNDO BEY, AUTOEXPLICATIVA, SUA DEFINIÇÃO ESTÁ MUITO MAIS RELACIONADA A SUA PRÁTICA, A SUA EXISTÊNCIA EFETIVA, DO QUE UM SIGNIFICADO LEXICAL.

*"NO FINAL, A TAZ É QUASE AUTO-EXPLICATIVA. SE O TERMO ENTRASSE EM USO SERIA COMPREENDIDO SEM DIFICULDADES... COMPREENDIDO EM AÇÃO." (BEY, P.4)*

*A TAZ É UMA ESPÉCIE DE REBELIÃO QUE NÃO CONFRONTA O ESTADO DIRETAMENTE, UMA OPERAÇÃO DE GUERRILHA QUE LIBERA UMA ÁREA (DE TERRA, DE TEMPO, DE IMAGINAÇÃO) E SE DISSOLVE PARA SE RE-FAZER EM OUTRO LUGAR E OUTRO MOMENTO, ANTES QUE O ESTADO POSSA ESMAGÁ-LA. (BEY, 2017, P.6)*

*INICIAR A TAZ PODE ENVOLVER VÁRIAS TÁTICAS DE VIOLÊNCIA E DEFESA, MAS SEU GRANDE TRUNFO ESTÁ EM SUA INVISIBILIDADE - O ESTADO NÃO PODE RECONHECÊ-LA PORQUE A HISTÓRIA NÃO A DEFINE. ASSIM QUE A TAZ É NOMEADA (REPRESENTADA, MEDIADA), ELA DEVE DESAPARECER, ELA VAI DESAPARECER, DEIXANDO PARA TRÁS UM INVÓLUCRO VAZIO, E BROTARÁ NOVAMENTE EM OUTRO LUGAR, NOVAMENTE INVISÍVEL, PORQUE É INDEFINÍVEL PELOS TERMOS DO ESPETÁCULO. ASSIM SENDO, A TAZ É UMA TÁTICA PERFEITA PARA UMA ÉPOCA EM QUE O ESTADO É ONIPRESENTE E TODO-PODEROSO MAS, AO MESMO TEMPO, REPLETO DE RACHADURAS E FENDAS. (IDEM)*

ATUAR ENTRE AS FENDAS, OS INTERMEZZOS, É UMA PRÁTICA POLÍTICA QUE DEVE SER CAPITANEADA POR UMA FILOSOFIA POLÍTICA DO DESAPARECIMENTO, UMA RESPOSTA ÀS AÇÕES DO ESTADO E SUA MÁQUINA PROPAGANDISTA E IDEOLÓGICA, ASSIM COMO SUA ESFERA GENOCIDA E TERRORISTA.



VAMOS LEVAR  
DEMOCRACIA  
PARA TODOS!

PRODUZIR LEVANTES QUE SE TRADUZAM EM ZONAS DE GOZO E LUTA, ONDE A FESTA VIVENCIADA COMO UMA PRÁTICA POLÍTICA, ONDE COLETIVIDADES BROTAM DE TODOS OS CANTOS, COMO RIZOMAS QUE PROVOCAM RACHADURAS AO LONGO DO SOLO INFERTIL DA COLONIALIDADE.



ZONAS DE GOZO E LUTA

A EXISTÊNCIA FURTIVA É UMA TÁTICA DE DESCAPTURA, UMA POSSIBILIDADE DE DESAPARECIMENTO EM MEIO A SUPEREXPOSIÇÃO IMPOSTA PELOS DISPOSITIVOS DE CONTROLE...



EXIBIR-SE TORNOU-SE UM IMPERATIVO CONTEMPORÂNEO, UMA MARCA DELETÉRIA PROVOCADA PELA CULTURA HIPERMIDIÁTICA ESPETACULARIZADA ONDE TUDO É ENTRETENIMENTO. UMA VITRINE DO CAOS ESTÉTICO DOS LIKES QUE SE PROPAGA COMO UM TROJAN, ABRINDO CANAIS DE COMUNICAÇÃO HAKEADA PELO CAPITAL.

LIKES  
LIKES  
LIKES  
LIKES



A CRIAÇÃO DE ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS É O OBJETIVO DE UMA PRÁTICA POLÍTICA QUE DEVE SER PERMEADA NÃO SOMENTE PELA TRANSITORIEDADE CONCEITUAL, MAS ACIMA DE TUDO PELA PRODUÇÃO DE TRILHAS DE LIBERDADE COMO SUBPRODUTO DA AÇÃO EFETIVA, PELA VIVÊNCIA COTIDIANA E PELA EXPERIMENTAÇÃO ANÁRQUICA DOS DESEJOS.



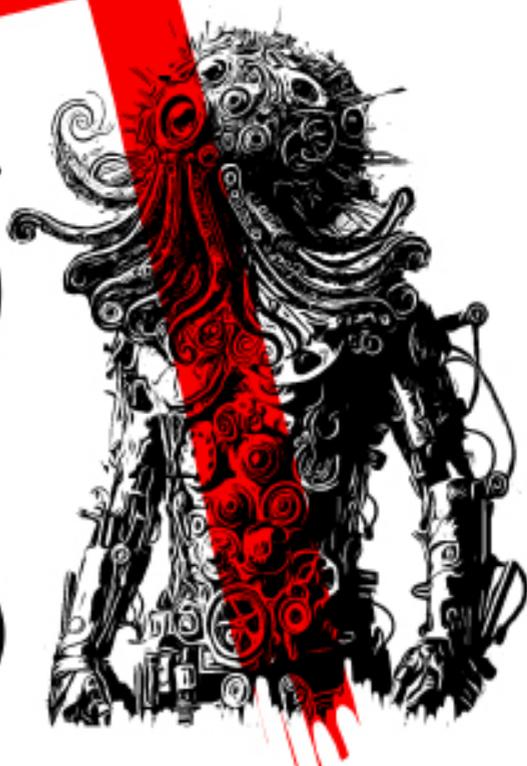
CONGREGAR SUBJETIVIDADES E AÇÕES COLETIVAS SÃO FUNDAMENTOS ESSENCIAIS PARA A IMPLANTAÇÃO DE TÁTICAS DE RESISTÊNCIA.



"AS TÁTICAS DE DEFESA SÃO A "INVISIBILIDADE", QUE É UMA ARTE MARCIAL, E A "INVULNERABILIDADE", UMA ARTE "OCULTA" DENTRO DAS ARTES MARCIAIS." (P.7).

INVISIBILIDADE E INVULNERABILIDADE, FURTIVIDADE E DESAPARECIMENTO

TÁTICAS ANTICOLONIAIS DE UMA MÁQUINA DE GUERRA NÔMADE.



LIMA MÁQUINA QUE LUTA,  
RESPIRA, GOZA, FAZ FESTA  
E IMPLODE MUNDOS  
AUTORITÁRIOS...

LIMA GUERRILHA ONTOLÓGICA  
QUE SUBVERTE O TEMPO DO  
AGORA, O TEMPO DA EFICIÊNCIA  
QUE ANIQUILA O OUTRO...

BENDITOS SÃO OS  
INVISÍVEIS DE UM  
MUNDO DAS IMAGENS  
OPACAS E FETICIZADAS.



DESAPARECER É UMA AÇÃO PRODUTORA DE REFÚGIOS,  
UMA POÉTICA QUE SE DESDOBRA EM UMA ESTÉTICA  
DA DESAPARIÇÃO. UM LEVANTE CONSTANTE QUE PRODUZ  
O HUMANO REVOLTADO.



FIM DA  
PARTE I

## POSFÁCIO

“Não há nada mais ativo que a fuga”  
(posfácio)

Por Valter Ferreira Rodrigues  
Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba

Há (não) muito tempo, ler gibis era uma distração efêmera e uma forma menor de leitura (e de aprendizado), muito inferior aos livros, sobretudo os textos (dos) acadêmicos. Sempre sérios, monográficos, certos, sac(r)ais... jamais errantes, eram os livros (e depois os artigos), atos supremos das inteligências unidas por conceitos, rigores, métodos, teóricas, ainda que nada comunicassem ou ao reles mortal, de existência vã e medíocre. E assim eram os gibis para as autoridades máximas em questões de saber e ciência... eles eram vãos e medíocres.

Em mais uma obra que vem consolidando uma forma errante de filosofar, o Prof. Daniel Figueiredo, em mais um de seus “crazy patchworks”, reativa aquilo que disse a arquiteta Silvana Olivieri (2012) acerca da expressão de-leuzo-guattariana e que, pelo menos para mim, cabe bem a essa produção do Daniel: “um conjunto aberto, amorfo e, pela apropriação, também metamórfico, cujos pedaços seriam paulatina e aleatoriamente justapostos, num processo, a princípio, sem previsão de fim” (p. 68).

“Amórfica”, “em pedaços”, repleta de justaposições e (hiper)links tecnológicos, filosóficos, imagéticos; errante e, como diz seu autor, deliberadamente efêmera, fugidia, metodológica e epistemológica (mente)... teratológica.

De fato (mesmo), é que estamos diante de uma HQ, cujos afectos capturam

alguns dos mais caros conceitos da academia contemporânea (e antiga), como política, subjetividade, vigilância e cartografias e os fazem desaparecer, rumo a Croácia, em nome de uma filosofia do desaparecimento.

Exausto de modos (e corpos) necrosados, comesticados... nosso autor se lança ao que chamou de um “antiensaismo”, como se já não bastasse ousar uma experimentação filosófica imagética, através de quadrinhos. Quase 100 anos depois, o Prof. Daniel traz sua própria (in)versão de o Vou-me embora pra Pasárgada, do também nordestino, Manuel Bandeira (1930), que escreveu seu poema num livro com o título sugestivo de Libertino e que, arrisco eu, caberia como um segundo título ao gibi do nosso autor aqui.

O antiensaio do Prof. Daniel, que trata da furtividade como resistência. É um experimento (sub)versivo, erradio, nômade, menor e, por isso, marginal, uma vez que se acha à margem das sagradas escrituras oficiais da academia, nisso que chamamos de “linhas de fugas”.

“Não há nada mais ativo que a fuga” (Deleuze, Guattari, 1997). Esta, por sua vez, consiste em outras (e novas) formas de subjetivação, de levar a um novo lugar, de romper com agenciamentos anteriores, com territórios outrora (im)postos. Na fuga descredencializa e nos coloca diretamente em contato com formas atípicas, divergentes e errantes de subjetivação.

O que mais me atrai no antiensaio do Prof. Daniel e sua forma de (não) dizer a condição humana e suas relações. Suas rachaduras, fendas, sulcos existências pelos quais esculpimos nossa compreensão acerca de quem somos e do mundo que nos rodeia.

Ao professor Daniel, parabéns e obrigado por mais esse trabalho!

## REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, JOSÉ ANTÔNIO FEITOSA. O TEMPO DAS  
LEBRES: ENSAIO SOBRE UM REBENTO CONTEMPORÂNEO.  
RECIFE, 2018. 102P.

BEY, HAKIM. TAZ: ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA.  
SÃO PAULO: CONRAD, 2011.

BONA, DÉNÈTEM TOUAM. COSMOPOÉTICAS DO REFÚGIO.  
TRADUÇÃO: MILENA P. DUCHIADE, 2020.

